

turma

alvaro luiz maritan de aboim costa
benjamin giovani iturrieta giacomini
caio hartt souza
carolina de oliveira saad
carolina nabuco nery
daniel lopes epifanio
flavio goldman thompson
gabriel eyer protasio de oliveira
joana peres tostos dos santos
julia duarte brandao jayme
luca pelayo de mello goncalves
luiz gabriel dias goncalves
luiza diniz scarpa
maria diniz scarpa
maria giulia scheeffeffer d'avignon
paloma taborda guaranys de oliveira
pedro ignacio ferraz montenegro de almeida
pedro sanches kurtz
pedro valenca reis
sofia omena herschmann
yam freire p. vieira

professores

ana cecilia pinheiro guimaraes
andréa de rezende travassos
denise barros de abreu morais
joão penna santos
raquel liborio rocha
renato lent santos
rosangela machado de oliveira caldas

Voltamos, em agosto, dando continuidade ao Projeto “Rumo aos Incas”, mas antes de retomarmos os estudos dessa civilização, fizemos uma agradável abordagem sobre a obra de Torres Garcia, artista plástico uruguaio, autor da imagem que ilustra a capa da agenda do segundo semestre. A partir dessa obra, discutimos sobre o valor e o lugar das produções artísticas sul-americanas. As crianças puderam refletir sobre a inversão dos hemisférios norte-sul e sobre a soberania da Arte européia.

Nesse contexto, fomos buscar uma aproximação com o seu trabalho para conhecermos, apreciarmos e valorizarmos o artista do nosso continente.

Reiniciamos nossos estudos sobre os incas, trazendo o processo de tecelagem para sala de aula. As crianças se encantaram com a prática de “fazer panos”. Alguns, espontaneamente, buscaram informações em livros, internet, tecidos de casa e até um modelo de tear peruano surgiu no grupo para enriquecer o projeto. Conhecemos o tosquiamento dos animais, a colheita do algodão, passamos pelo tingimento dos fios e finalizamos com o manuseio de um tear.

Nossas pesquisas avançaram pela história da vida familiar e aldeã dos incas, vimos como a situação geográfica em que viviam interferia na agricultura, alimentação e no modo como construíam suas casas.

A partir dos estudos sobre o domínio das terras, partimos em busca de uma história inca, longe das montanhas frias e áridas, na divisa de Brasil com Peru, a amazônia-peruana.

Nessa região vive um povo chamado Ashaninka, que guarda muito das tradições de seus ancestrais incas. Conhecemos um pouco dos seus costumes através de um documentário da Funarte em sua aldeia, que mostra uma oficina de artes proposta pela artista visual Ana Rondon.

Essa comunidade vive no coração da floresta tropical úmida, nosso novo foco de estudo. Esse novo percurso nos inseriu na proposta de pesquisa sobre os biomas da América, junto às demais turmas, para o projeto da Feira Moderna.

Iniciamos a discussão procurando compreender o conceito de bioma e descobrindo, em outros continentes, ocorrências da mesma floresta.

Muito animados com a perspectiva de explorarmos uma selva tão misteriosa e instigante, fomos em busca de materiais para traçarmos um plano de estudo que abraçasse todos os aspectos da floresta: fauna, flora, habitantes humanos, águas,



lendas, importância planetária, aquecimento global...

Os livros “Floresta Tropical” e “Sumaúma, Mãe das Árvores” nos revelaram uma informação muito curiosa: esse tipo de floresta é estudado pelos cientistas em sua verticalidade. Investigamos todos os aspectos de cada camada, das águas ao topo das árvores mais altas; e investigamos a interdependência dos ecossistemas.



Toda a flora e a fauna que iam se descortinando para o grupo, traziam grande entusiasmo para pesquisarmos mais. Foi quando surgiu a oportunidade de visitarmos um seringa. Foi um passeio inesquecível e muito enriquecedor, pois nos possibilitou vivenciarmos todo o processo, da extração do látex ao seu beneficiamento, para ser absorvido pelas indústrias e produção do couro vegetal.

Acompanhamos, através da mídia, notícias que informavam prejuízos e consequências dos desmatamentos desmedidos das nossas florestas, mas abrimos um espaço de muita esperança quando tomamos

conhecimento de iniciativas de empenho para salvar e defender essas áreas.

Acreditamos que esse estudo trouxe, para todos, um conhecimento importante sobre o panorama ambiental do planeta e uma apropriação maior do conceito de



sustentabilidade.

As atividades com a língua portuguesa deram continuidade ao trabalho do primeiro semestre, proporcionando situações didáticas para o enriquecimento da língua oral e escrita. Através da produção de textos, as crianças foram se apropriando das regras gramaticais e ortográficas mais complexas.

Na biblioteca, incentivamos as escolhas de livros e o gosto por ouvir histórias lidas ou contadas. Fizemos troca de livros pessoais e todos tiveram oportunidade de narrar histórias para o grupo.

Em Matemática, a resolução de problemas continuou sendo o disparador do trabalho. Os desafios se complexificaram, ampliando o conhecimento e avançando no sentido de aprimorar as estratégias de cálculos com as quatro operações.



Intensificamos o trabalho de sistematização de uso dos algoritmos da adição e subtração. As crianças absorveram as técnicas operatórias se valendo da reserva (na adição) e do recurso (na subtração) com rapidez. Embora não tenham trabalhado com as técnicas operatórias convencionais da multiplicação e da divisão, elas estavam presentes nos problemas.

O trabalho com sistema de medidas ocupa um lugar de destaque no Terceiro Ano. O sistema monetário veio sendo tratado, desde o primeiro semestre, com atividades de reconhecimento de cédulas e moedas e uso do dinheiro corrente na resolução de problemas de compra e venda.

Finalizamos esse trabalho com a Feira da F3MA. Muitos conhecimentos foram adquiridos durante esse projeto. Fizemos um orçamento prévio para a compra dos produtos. Depois pesamos e distribuimos em pequenas porções, dividimos as frutas em lotes e calculamos os preços para a venda ao consumidor. Na venda, providenciaram o troco e, ao final do trabalho, fizemos o balanço final. Foi um grande sucesso!

Ler as horas em relógio de ponteiro provoca a necessidade de observação e aprendizagem de uma série de conceitos matemáticos que envolvem contagem de 5 em 5, numa estrutura multiplicativa, até a relação dos algarismos com a passagem do tempo. Cada criança concluiu esse estudo com a produção de um relógio

personalizado.

Foi um enorme prazer trabalhar com essas crianças tão curiosas e empenhadas em desvendar “Esse Enorme Continente”.

Ótima férias para todos e um 2008 cheio de alegrias.

Tribo

Histórias aproximam o mundo do universo infantil. Neste semestre, foram elas que rechearam nossas Tribos através da série “Minha Escola”. Crianças com culturas diferentes, mas com idades semelhantes às de nossos alunos, contavam sobre suas meninices, as idas e vindas da escola para casa, alguns sonhos, crenças, gostos, rotinas, obrigações de estudante, responsabilidades e atribuições. Alex do Peru, Taco do Equador, Kindo de Trinidad, Andrea da Amazônia, Claudio de



Fortaleza, Pascale do Canadá, Suzana de Cuba e outras mais contavam histórias tão reais que cada um pôde se identificar e pensar diferenças e semelhanças. Em cada filme, uma particularidade trazida pela criança daquela região possibilitou muita reflexão e fez com que todos percebessem o quanto são singulares, especiais e tão iguais ao mesmo tempo. Com os olhinhos vivos, muito atentas e maravilhadas, em silêncio absoluto, as crianças deslumbravam-se e viajavam pelo continente americano. Pouco a pouco, foram ampliando seus conhecimentos de mundo e fazendo muitas relações. Conheceram outros jeitos de ser criança. Algumas pobres, outras ricas, muitas corajosas, outras medrosas, mas todas muito alegres e curiosas. Aproximaram-se de realidades bem diferentes da nossa e acabaram descobrindo que têm muito em comum. Cada um dos programas assistidos proporcionou um encontro rico e favoreceu discussões e indagações através desse contato com diferentes infâncias. Aproveitamos para criar espaço para esse exercício, dando vez para a oralidade de nossos alunos, permitindo o diálogo, possibilitando a expressividade e ampliando a compreensão de cada um sobre a importância das regras da escola e de casa, presentes em diferentes lugares do mundo e que nos ajudam a conviver mais harmoniosamente.

O relaxamento continuou fazendo parte de cada encontro. Com a prática, as crianças se entregam com mais intensidade, percebem os benefícios e tiram proveito desse momento, trazendo até alguns depoimentos de situações do

cotidiano em que o relaxamento trouxe um bem estar.

Fechamos o ano relendo nossos desejos para o ano de 2007. Desejos que ficaram guardados em um envelope desde a nossa primeira Tribo do ano. Cada criança releu o seu (individual ou coletivamente) e deu o seu depoimento sobre se seu desejo foi alcançado ou se ainda precisava de mais tempo para se realizar. Depois, em uma roda, queimamos os desejos, refletindo sobre nossas conquistas, transformações e crescimentos.

Inglês

Retornamos com muitas idéias e novas perspectivas e direcionamos nosso “navio pirata” para a América do Norte!

Iniciamos os debates expondo o que sabíamos sobre a colonização do território chamado de “New World”. Algumas crianças trouxeram de casa pesquisas feitas na internet, livros e pequenos textos escritos com a ajuda dos pais. Fizemos uma comparação entre os processos de colonização da América do Sul, da América Central e da América do Norte, identificando as metrópoles colonizadoras, seus respectivos idiomas e as heranças culturais que deixaram nas terras colonizadas. Fizemos um texto coletivo com informações que elegemos importantes.

Encaminhamos o projeto para a colonização das terras norte americanas. Demos partida nos questionando a respeito dos primeiros habitantes a ocuparem esse continente, os índios.

Falamos sobre as diversas tribos, os apaches, maias, astecas, guaranis, pataxós, e outras. A tribo dos Cheyennes foi eleita e conhecemos um pouco da sua cultura e maneira de viver. Assistimos a um vídeo que narra, com sentenças bem simples e imagens lindíssimas, a história de um indiozinho da tribo, que sonhava em ser um grande guerreiro e que, quando grande, libertou a tribo do confinamento imposto pelos colonizadores. Fizemos, então, um registro com desenhos ilustrando a história.

Depois dos primeiros habitantes das grandes planícies norte americanas, atravessamos as Montanhas Rochosas e chegamos à Califórnia. Usando o livro “The Jumping Frog”, de Mark Twain, ilustramos um dos episódios importantes na ocupação desse vasto continente. Com “The Califórnia Gold Rush” (o conto escolhido) conhecemos o capataz John Marshall que acidentalmente encontrou ouro no rio América, no estado da Califórnia.

Exploramos o vocabulário da história com desenhos e com a criação de uma história em quadrinhos que recontava a trama que impulsionou o povoamento do FarWest.

Fizemos uma breve encenação em sala de aula, com duas crianças se revezando no papel de John Marshall (cowboy) e de “outlaw” (fora de lei). Foi muito divertido! Por falar em “outlaw”, em cartazes produzidos pelas crianças, os bandidos mais procurados da América foram retratados e foram oferecidas grandes recompensas por suas capturas.

Assistimos a alguns trechos de filmes que nos contam um pouco sobre os conflitos da época. Em “Butch Cassidy and the Sundance Kid” as crianças foram capazes de entender algumas palavras e expressões. E a cena onde o bandido anda de bicicleta ao som de “Raindrops keep falling on my head” nos encantou! Assistimos, também, a “Dances with Wolves”, que retrata um pouco da cultura indígena norte americana e os conflitos com o homem branco.

A elaboração de pequenas frases foi o grande desafio no segundo semestre.

Teatro

Aproveitando o fato de que as professoras de projeto já haviam começado, no semestre anterior, a leitura de alguns contos do livro “Contos, artimanhas e travessuras” com os alunos do terceiro ano, selecionamos três deles para trabalharmos nas aulas de Teatro: “O raposo e o porquinho-da-índia” (Peruano), “Dona Raposa e os Peixes” (Venezuelano) e “O Leão e o Mosquito” (Cubano).

Lendo e relendo esses contos, nos ocorreu que sua linguagem se aproximava muito da farsa, primeiro por serem contos populares, segundo por revelarem, em sua própria estrutura narrativa, uma certa natureza “farsesca” em seus personagens. Há sempre algum, ou alguns personagens, representando um teatro para outros personagens. Na farsa, esse jogo se estabelece, geralmente, com a convivência da platéia que, apesar de saber claramente que alguém está ludibriando alguém, ainda assim torce por este ou aquele personagem. E é justamente desse jogo vivo, contínuo, “metateatral”, que se constitui este gênero teatral, quase um teatro dentro do teatro.



Então, achamos oportuno trabalhar com esse gênero e lançamos o seguinte desafio: contar essas histórias utilizando os recursos da farsa.

Para isso trabalhamos, inicialmente, com a pesquisa sobre o seu “animal interior”. A intenção era fazer com que cada criança encontrasse um animal que melhor se aproximasse da sua natureza instintiva, essencial. Escolhidos os animais com os quais se identificavam, foi dada a partida: experimentar, no corpo, a sua respiração, a sua textura, o seu volume, o seu ritmo. Depois, partimos para o texto: como cada animal diria aquela fala? Com que olhar? Que intenção?

Tudo isso porque a farsa trabalha com a máscara, e a máscara do personagem deve permitir ao público reconhecer, de pronto e de longe, o tipo de personagem que se apresenta: o bobo, o esperto, etc. O exagero a permeia.

Concluimos o processo nos apresentando para as outras turmas da escola, em

sessões de leitura dramatizada, que arrancaram risos e aplausos do público. Desta forma, acreditamos ter iniciado os alunos na linguagem da farsa, gênero essencialmente teatral.

Expressão corporal



Além dos improvisos, fizemos exercícios coreográficos em dinâmicas variadas. Realizamos movimentações em filas horizontais e verticais. Experimentamos deslocamentos em círculos e meia-lua, para direções opostas, pelas linhas laterais e diagonais do salão, entendendo cada forma de se organizar no espaço. Ampliando as possibilidades gestuais, as crianças trocaram experiências, aprendendo passos com diferentes qualidades. Realizando saltos e giros, criavam,



copiavam e reinventavam, observando o movimento de cada um para brincar de dançar junto!

As acrobacias foram exploradas, promovendo o cuidado com o corpo nas suspensões e transferências de peso individualmente, em duplas, trios ou grupos maiores.

Para fechar o ano, a turma se esmerou nos ensaios, envolvidos com o processo de composição da coreografia de "Merengue de Inverno" que apresentaram na festa de encerramento.

Música

Retomamos o trabalho do primeiro semestre, mas logo apresentamos músicas novas, escolhidas de acordo com o tema das aulas de Projeto, o que lançou um desafio para todos: utilizar a mão direita nas execuções com flauta doce. Esse aprimoramento técnico necessitou de esforço e empenho das crianças, mas trouxe a possibilidade de ampliação do repertório. Ainda a respeito das questões técnicas, continuamos trabalhando a postura e o sopro mais adequados ao tocar.

Depois de aprendida e bem ensaiada a canção infantil peruana Los Pollitos, começamos a criar um arranjo com a flauta doce e alguns instrumentos de percussão. O acompanhamento ficou por conta do charango. As crianças, em grupo, criaram os ritmos da percussão e as segundas vozes que compõem o arranjo.

A turma manteve, ao longo do ano, uma postura muito participativa e interessada e, mesmo com alguns tropeços, vários progressos foram feitos tanto musicalmente quanto no relacionamento. Terminam o ano mais unidos, entrosados e colaborativos. O esforço para manter a concentração foi sensível, e o resultado pôde ser visto por todos. Partilhar esse processo foi muito prazeroso. Desejamos que a turma continue sua jornada pela vida e pela música com toda essa alegria e disposição!

Além do trabalho com a flauta doce, no fim do semestre, começamos a enfatizar a leitura e escrita rítmica, pois já havíamos realizado conquistas significativas na melódica. Também exercitamos os ouvidos com brincadeiras, como "mais grave ou mais agudo?", que estimulam o aprimoramento da escuta musical.



Educação física

Após a festa junina demos início à semana do Pereirão Junino, que terminou com o tão esperado casamento. As crianças tiveram a oportunidade de participar de brincadeiras tradicionais, adaptadas em forma de estafetas como corrida do saco, bola na lata, bola na boca do palhaço, jogo da argola (com bambolês e cones), limão na colher e estreitando os vínculos com os colegas. Foi mais uma oportunidade de exercitar a capacidade de organização e experimentar antigos jogos da infância que tememos sejam no futuro. A viagem pelas Américas culminou com o Pan Sá Pereira, um grande campeonato inspirado no Pan 2007. As modalidades foram escolhidas adaptando nossas práticas, as possibilidades de espaço e os esportes disputados no evento oficial. Assim, boliche, salto, arremesso de peso com saquinhos de areia, basquete, handebol, câmbio e pique-bandeira envolveram a garotada. Os times foram compostos por todas as turmas, divididos por cores, representando países das Américas, e contaram com a empolgação dos componentes e também dos professores, num clima de grande confraternização. As crianças demonstraram muita garra e determinação, além de criatividade na disputa dos gritos de guerra; receberam medalhas e certificados de participação e, apesar das emoções estarem à flor da pele durante o campeonato, deram um show de espírito esportivo respeitando o outro, cooperando, seguindo as regras e lidando bem com as vitórias e derrotas.

Dando continuidade ao nosso trabalho, algumas dificuldades foram acrescentadas aos jogos tradicionais como o pique-bandeira com seqüestro e o queimado agarrando a bola. Nos dias de chuva, resgatamos também "detetive", que fez sucesso.

A maioria tem preferência pelo futebol, o que acaba dificultando a abertura de espaço para os outros esportes. Não costumam reclamar dos times. Por serem bastante competitivos não lidam bem com a derrota. No Pereirão, gostam de chegar equipados com luvas, chuteiras, meias e uniformes de times.

Esperamos que todos se divirtam muito nas férias e retornem ao Pereirão com disposição e energia para um novo ano de trabalho. Boas férias!